

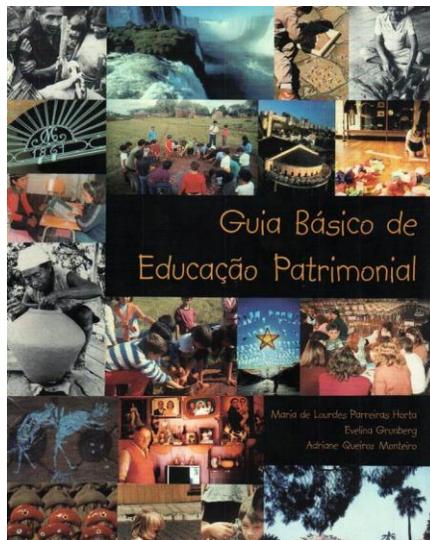
O **Guia Básico de Educação Patrimonial**, publicado pelo Iphan na década de 1990, certamente constituiu um marco por ter afirmado um lugar e um espaço próprio dentro da instituição, em relação à discussão desta temática. Entretanto, acreditamos que na atualidade, é preciso avançar em relação àquelas propostas formuladas, o que demanda um esforço coletivo de olhar criticamente para os conteúdos ali expostos. Neste sentido, a REPEP considerou necessário problematizar as proposições contidas no Guia, tendo em vista principalmente o fato deste ter se tornado o principal referencial para práticas que estão sendo desenvolvidas no país como um todo. A carência de bases conceituais e de fundamentos consistentes neste campo da Educação Patrimonial tem levado, muitas vezes, a reprodução acrítica dos conteúdos do Guia, resultando em práticas esvaziadas de sentido e reproduzidas de conteúdos escolares dos mais tradicionais.

Desta discussão, enfatizamos alguns aspectos fundamentais.

O primeiro problema refere-se à compreensão contida no Guia, de que a Educação Patrimonial é **a metodologia**, conforme se descreve em um roteiro passo-a-passo do que deve ser feito. Conforme discute Grispum¹, a Educação Patrimonial não é uma metodologia, mas, ao contrário, comporta o uso de diferentes metodologias, cada qual mais adequada ao seu contexto e sua problemática específica. Ela é,

¹ GRISPUM, Denise. Educação para o patrimônio. Museu de arte e escola. Responsabilidade compartilhada na formação de públicos. Tese (Doutorado). Fac. Educação da USP, 2000.

portanto, um campo de atuação, interdisciplinar por excelência. Além disso, o roteiro do passo-a-passo do Guia (Observação – Registro – Exploração – Apropriação) pode ser limitador do pensamento, circunscrevendo a discussão do patrimônio em si mesmo, impedindo sua problematização e desmitificação. A própria concepção na forma de um Guia Básico, já nos parece limitadora. Cartilhas e guias são feitas para conduzir ou ensinar um



Guia Básico de Educação Patrimonial - IPHAN

caminho, cerceando o que é o maior desafio do trabalho educativo: buscar seu próprio caminho, a partir das problemáticas específicas de cada lugar. Para além de cartilhas e guias, a Educação Patrimonial carece de materiais que nos provoquem a atitude de questionamento e de reflexão, que nos estimulem a pensar de forma autônoma e não simplesmente a seguir caminhos pré-definidos.

O segundo problema do Guia diz respeito à concepção de um “ensino **centrado** no patrimônio”, o que o colocaria em uma posição privilegiada e primordial no processo educativo, em relação ao educando e ao educador. Nossa compreensão é de uma Educação Patrimonial focada no aluno como sujeito do processo de ensino-

aprendizagem, na qual o patrimônio apareça como elemento de mediação, ou seja, por meio do patrimônio o aluno possa se perceber como sujeito do mundo, da história e da cultura.

Por fim, destacamos também o problema da ausência de fundamentação teórica e conceitual do Guia, que levaria a naturalizar a Educação Patrimonial como o lugar unicamente de práticas a serem reproduzidas ou a ideia de um campo de ação puramente prático e empírico e que se abstrai de uma base conceitual.

Sobre a Repep:

A Rede se propõe a ser um espaço de articulação entre os vários segmentos na área de cultura e educação, envolvidos com projetos e temáticas da proteção e valorização da memória coletiva e do patrimônio cultural.

Contatos: repep.fflch@gmail.com

Atividades agendadas:

Reunião de 02 de outubro (CPC, 18 horas): Pauta:

Discussão de princípios que nos norteiam, a partir de um documento sistematizado com colaborações de todos os participantes.

Participam do grupo:

Educadores da rede estadual de ensino, CPC/USP, Geografia/USP, Engenho dos Erasmos, do Museu do Futebol, Iphan, Serviço de Memória de São Bernardo do Campo, Centro de Memória de Diadema, alunos e professores de graduação e pós-graduação em Geografia, História e arquitetura.